INDICAÇÃO Nº 92/2019
Data: 25 de março de 2019

Ementa: sugere que o Executivo Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação, promova uma ampla campanha de esclarecimento e orientação para todas as crianças da rede municipal de ensino em razão da reaparição da boneca Momo.

Senhor Presidente,

Requer, após deliberação regimental do Plenário, seja encaminhada cópia do presente ao Prefeito Municipal, apresentando a sugestão do Vereador que abaixo subscreve para que o mesmo autorize o setor competente desta Municipalidade, no caso a Secretaria Municipal de Educação, a promover uma ampla campanha de esclarecimento e orientação para todas as crianças da rede municipal de ensino em razão da reaparição da boneca Momo.

Na opinião do autor deste pedido, a medida é mais do que necessária.

Em agosto do ano passado, muita gente conheceu a aparência da temida boneca: rosto pálido, cadavérico e com traços femininos, olhos esbugalhados, sorriso assustador, cabelos pretos e corpo de pássaro. A figura surgiu em inúmeros perfis de WhatsApp com supostas previsões assustadoras. Agora, a boneca ressurgiu em vídeos infantis populares na plataforma do YouTube, interrompendo as imagens e instruindo os pequenos a cometerem atos de automutilação e até mesmo suicídio.

E o diálogo, mais uma vez, se impõe como uma das armas de combate aos desafios virtuais, motivo pelo qual é apresentada a presente Indicação, ficando no aguardo de sua aprovação por parte do Plenário desta Casa de Leis, e do atendimento do pleito pela Secretaria Municipal de Educação.

NESTES TERMOS, PEDE DEFERIMENTO.
Plenário Ariovaldo Luiz Bier, em 25 de março de 2019.

RONALDO POHL
Vereador

Fotos: O Presente



Reaparição da Momo acende alerta sobre controle de conteúdo na web

Imagem da temida boneca, supostamente inserida em vídeos infantis na internet "ensinando" crianças a buscar objetos cortantes e praticar atos suicidas, voltou a preocupar e tirar o sono dos pais. Psicóloga ressalta necessidade de monitorar o que as crianças acessam na rede

Você busca seus filhos na escola no fim do dia e, como de costume, os deixa navegar na internet rapidamente antes do jantar. Eles pretendem conferir um dos milhares de vídeos que existem no YouTube Kids, mas então supostamente se deparam com o "Desafio Momo".

Em agosto do ano passado, muita gente conheceu a aparência da temida boneca: rosto pálido, cadavérico e com traços femininos, olhos esbugalhados, sorriso assustador, cabelos pretos e corpo de pássaro. A figura surgiu em inúmeros perfis de WhatsApp com supostas previsões assustadoras. Agora, de acordo com relatos na internet, a boneca teria ressurgido em vídeos infantis populares na plataforma do YouTube, interrompendo as imagens e instruindo os pequenos a cometerem atos de automutilação e suicídio.

Somado às ameaças de ataque a escolas, a exemplo do massacre em Suzano (SP), o episódio tem repercutido dentro e fora do ambiente virtual e deixado pais e familiares preocupados com a segurança dos filhos. Supostamente veiculado na programação infantil graças à ação de um hacker, o conteúdo traz o alerta para que o monitoramento do que meninos e meninas veem na web seja constante.

Para uma mãe rondonense, que prefere preservar sua identidade, a primeira sensação é de impotência diante daquilo que circula na internet, uma vez que, segundo os relatos, a aparição da Momo seria feita de forma aleatória, inclusive em plataformas protegidas. A justificativa para a apreensão da rondonense é o fato da filha, de apenas três anos e meio, ter tido contato com a figura macabra em um vídeo musical e famoso no Youtube Kids: Baby Shark.

"Nos últimos dias o interesse dela foi aumentando. Ela chegava da escolinha e queria o celular, de manhã também. Percebi que estava ficando demais e comecei a prestar mais atenção. Comecei a deitar do lado dela e ver o que estava assistindo. Foi então que vi a aparição da Momo no vídeo do Baby Shark, uma música que minha filha gosta muito", conta a mãe.

Conforme ela, a figura da Momo apareceu duas vezes no decorrer do vídeo, mas sem interrupção da música infantil. "Era apenas em flashes. Vi que apareceu a boneca, mas ela não estava falando. Apareceu o primeiro flash e eu deixei para ver se iria aparecer mais algo. Então apareceu a boneca e na sequência ela com alguns objetos, como uma 'machadinha'. Não a mostra falando, mas, sim, mostrando como abrir uma gaveta, tirar os objetos de lá. São instruções em imagens", relata.

A mãe alerta que isso contribui para não chamar a atenção dos pais. "Por isso acho que os pais não prestam muita atenção, assim como eu não prestava. Talvez já estivesse aparecendo de outras formas para ela e eu não tinha prestado atenção porque estou ouvindo o conteúdo do vídeo, mas não vendo a imagem. Até então parecia que era normal", relata.

Ainda sem comprovação real que a boneca esteja realmente aparecendo, há quem defenda que tudo não passe de fake news. No entanto, mesmo que não haja nenhuma evidência concreta da aparição da personagem, como diziam os rumores, não significa que não haja motivos para pais se preocuparem, tendo em vista que há, de fato, riscos reais em crianças serem expostas a conteúdos amedrontadores, indutores do suicídio e impróprios para sua idade.

MEDIDAS E ESCOLHAS

Passaram-se cinco dias desde o momento em que a rondonense, ao lado da filha, viu a personagem Momo no vídeo infantil até quando conversou com a reportagem do O Presente. Nesse período de tempo algumas medidas foram tomadas pelos pais da criança. "Desinstalei todos os programas e aplicativos porque ela entra e acessa sozinha no meu celular. Além disso, estou tirando o celular dela. Faz três dias que ela não mexe e eu estou tentando me policiar para brincar com ela de outra maneira", comenta a mãe. "Às vezes, estamos tão cansados que quando chegamos em casa damos o celular para que possamos descansar ou fazer alguma outra coisa, mas é errado. A partir do momento que você decide ter um filho você tem que saber que toda sua vida vai mudar", frisa.

Além disso, a rondonense ressalta que ela e o marido também passaram a controlar melhor o uso dos celulares. "Eu e ele estamos nos policiando com isso. Chegando em casa vamos mexer no celular somente após ela dormir. Se ela nos ver com celular, vai querer", diz.

SINCERIDADE

Alguns dias após assistir ao vídeo, a mãe conta que começou a perceber a disseminação de notícias sobre a reaparição da Momo em conteúdos infantis. Com isso ela escolheu ter uma conversa aberta e franca com a filha. "Mostrei a foto da boneca para ela e disse que não poderia mais assistir os vídeos porque o que ela (Momo)

"Desafio Momo" pode causar danos psíquicos nas crianças

pede é feio e machuca as crianças. Mas não é fácil você explicar para uma criança que algo que aparece na tela de um celular pode fazer mal a ela e outras pessoas", expõe.

A rondonense diz que quando questionou a filha se ela já teria visto a Momo em outros vídeos ou situações, a criança afirmou que não. "Quando eu mostrei a boneca e comecei a conversar, ela ficou medo. Disse que era algo feio, que não era do bem, que pode prejudicar, fazer mal e que era para ela se afastar", comenta, acrescentando: "Quando vimos o vídeo em que a boneca aparecia ela (filha) não ficou assustada, mas não tenho como afirmar se ela já teve contanto anteriormente com a imagem da boneça. Os flashes são muito rápidos, coisas de segundos, mas vão aparecendo em várias partes do vídeo. Talvez para ela isso era normal".

Em relatos de outros casos de crianças que teriam tido contato com os vídeos há menções de mudança de comportamentos, a exemplo das manifestações de agressividade. Com a pequena rondonense a mãe afirma que isso não teria acontecido. "Ela não esboçou nenhuma reação, nem mesmo de medo. Como são vídeos animados e que trocam de cenas constantemente ela pode ter imaginado que aquilo fazia parte do vídeo original, mas não aconteceu de ela ter mudanças de atitudes ou de comportamentos", salienta.

PREOCUPAÇÃO

"A preocupação fica com a gente". O desabafo mostra a importância do monitoramento constante do conteúdo acessado por crianças e adolescentes em ambientes virtuais. "Se a gente não prestar atenção, sempre vai achar que está tudo bem porque só está tocando uma 'musiquinha' e vendo um 'videozinho'. Pare e dê uma olhadinha, peça para que mostre o celular, principalmente quando eles começam a se esconder. Alguma coisa de errado tem", alerta a rondonense.

Ela acredita que não é preciso restringir o acesso à internet, mas, sim, impor um limite e controle de uso. "Não adianta limitar o tempo, mas não cuidar o que está sendo visto. Em meia hora, por exemplo, eles conseguem ver e fazer muitas coisas", opina.

A mamãe compartilha a própria experiência e afirma que com o passar dos dias as crianças "esquecem" do aparelho eletrônico. "Basta buscar outros meios de ocupar o tempo da criança. Andar de bicicleta, brincar de boneca e casinha. Com isso eu percebi que tenho tempo de brincar com a minha filha e que há outras atividades fora do celular", expõe.

INOCÊNCIA

A mãe observa que os responsáveis por trás desses tipos de conteúdos se utilizam da inocência das crianças. "Para elas tudo está certo, não veem maldade em nada. Se pedirem para cortar os pulsos com uma faca, é provável que façam porque não sabem o que estão fazendo. Acredito que nenhuma criança faça algo por maldade. Ela faz porque viu alguém fazendo. É o espelho de alguém", pontua.

A rondonense ainda cita outro exemplo. Um vídeo assistido pela filha e que até então deveria ser sobre o desenho infantil Peppa Pig, mas o verdadeiro conteúdo oferecido era outro. "Há alguns dias ela veio nos mostrar uma musiquinha da Peppa, mas que na verdade era um funk, com linguajar impróprio, mas que mostrava imagens do desenho. Para ela a música era da Peppa porque as imagens mostravam isso e o que atrai as crianças é justamente a parte visual", destaca.

A psicóloga clínica Katiucia de Oliveira Peres, especialista em Psicopedagogia e em Educação Especial e mestre em Educação, explica que as crianças são um público-alvo "fácil", além de possuírem dificuldade em saber diferenciar os limites de determinados conteúdos. "Precisamos cuidar não apenas com a internet, mas de qualquer tela que a criança fique muito presa, tanto televisão, tablet, computador ou celular, porque ela corre o risco de ser super estimulada pelo próprio efeito que a tela causa. Isso está se apresentando tanto nas salas de aula quanto nos consultórios", expõe, exemplificando: "Crianças que perdem a atenção com facilidade e que não conseguem manter a concentração. Desta forma, perdemos não somente a aprendizagem das crianças, mas também o desenvolvimento".

Ela alerta que o "Desafio Momo" pode causar danos psíquicos nas crianças. "Elas podem apresentar medo e se isso não for trabalhado corretamente tanto em casa quanto na escola, ou até mesmo com um psicólogo, pode deixar consequências gravíssimas", enaltece, mencionando situações na hora do sono, insegurança da criança com ela mesma e o reflexo na aprendizagem.

A profissional ressalta a importância de os pais conversarem com os filhos e orientá-los. O ideal, segundo ela, é falar abertamente sobre a situação. "Se for o caso, devem até mesmo mostrar a boneca Momo para as crianças estarem espertas quando virem algo igual. Ela tem uma imagem que dá medo e aterroriza as crianças, por isso é importante orientá-las a pedirem ajuda quando a virem, além de esclarecer que a boneca não vai sair do armário para atacá-las e enaltecer que o que veem na internet nem sempre e confiável e real", frisa.

Katiucia acredita que, além das famílias, o espaço escolar precisa oferecer constantemente ensinamentos e exemplos de como os alunos devem fazer uso da internet. "Se os pais conseguirem manter um diálogo com seus filhos e orientá-los, as crianças sempre se sentirão seguras para buscá-los, independente de qual for o assunto. Isso também serve para professores e psicólogos que atendem crianças, porque se elas sentirem confiança com esses adultos poderão conversar sobre qualquer problema e assim estaremos evoluindo, trazendo crianças com menos danos e assim, consequentemente, um adolescente e adulto", expõe.

É importante, de acordo com a especialista, que os pais alertem seus filhos sobre possíveis interrupções nos vídeos ou jogos. "A recomendação de não falar com estranhos, não aceitar bala de desconhecidos vale também para a internet. Os filhos têm de saber que não podem dar dados, não podem falar com quem não conhecem", orienta, exemplificando que hoje esses estranhos estão oferecendo chantagens pela internet. "O mundo vai evoluindo, a tecnologia crescendo, porém a maldade de algumas pessoas sempre está presente".

Ela ressalta que o acesso das crianças à tecnologia precisa ser monitorado. "Alguém fez essa conta para a criança, alguém permitiu que ela tivesse e-mail, pudesse estar na rede. Em alguns casos, a criança tem mais medo da bronca que vai levar do que daquilo que vê e não entende", menciona.

A figura da Momo, conforme a psicóloga, pode ser danosa pois a criança não tem maturidade para distinguir o que é real do que não é. "A criança fica com certo receio e não consegue diferenciar o que é realidade e o que é algo realizado pelas pessoas com maldade, por isso elas são tão afetadas", enaltece. "Ela (criança) ainda não tem esse discernimento de conseguir entender o que pode ou não acontecer, então quando aparece uma imagem dessas ameaçando a sua família ou a sua própria vida ela tem que se resguardar e entender que está agindo assim para proteger a sua família e não por maldade", complementa.

Katiucia alerta também que muitos dos que são vítimas desses "incentivos" virtuais para atentar contra a própria vida, como o Desafio Momo ou o Baleia Azul, estão, no fundo, pedindo atenção. "Podem estar acontecendo coisas à parte. Às vezes essa criança está sendo ameaçada por colegas, sofrendo bullying ou uma violência, e elas vão representar isso no próprio comportamento no dia a dia", salienta.

PREVENÇÃO

Outro ponto observado pela psicóloga é o fato de novos desafios semelhantes ao da boneca Momo surgirem com o passar do tempo. "Por isso ressalto que é importante os pais conversarem com seus filhos e ficarem de olho em tudo que assistem. Deixar claro o que eles podem assistir, determinar horários e lugar onde a criança poderá ter acesso à internet, limitando também esse acesso, porque se hoje em dia não forem bloqueados alguns sites, até mesmo por vírus ou ações de hackers, aparecem imagens que as crianças não podem acessar", enfatiza.

Katiucia chama atenção para o fato de o celular não poder suprir a ausência dos pais. "O que as crianças querem é atenção, carinho e amor. É muito importante que as crianças saibam que são importantes naquela família, escutarem que são amadas, porque isso também é uma forma de a gente proteger nossas crianças. Elas são nosso futuro e todo cuidado que tivermos é pouco. Amar, acalentar e dar atenção às vezes é muito mais importante do que dar um presente, brinquedo ou deixar a criança mexer no celular", evidencia.

A especialista lembra que fazer alguma atividade com os pais sem ter a tecnologia junto, desde um desenho até uma volta bicicleta, vai deixar memórias para as crianças muito mais intensas do que somente estar atrás de uma tela de celular.

DIÁLOGO COMO SOLUÇÃO

O diálogo, mais uma vez, se impõe como uma das armas de combate aos desafios virtuais. "Com o diálogo a criança sabe a quem ela pode recorrer. Claro que o carinho e atenção são muito importantes, mas, se tiver o diálogo, a criança vai conseguir chegar para os pais e falar que não está se sentindo bem com tal situação. Vai conseguir se abrir sobre determinados assuntos, sejam eles de grande ou pequeno impacto", ressalta a psicóloga, acrescentando que o que para os adultos às vezes pode ser uma gotinha d'água, mas para a criança pode ser um tsunami. "Se ela aprender desde pequena o diálogo, confiança e carinho ela vai conseguir sobreviver a essas situações", amplia.

PROBLEMA SOCIAL

O que de fato está afetando crianças e adolescentes? Para Katiucia, não é porque uma boneca falou para cortar os pulsos que uma criança vai fazer isso. "Com algumas crianças pode ser que isso aconteça, mas porque elas estão mais fragilizadas e afetadas com situações que acontecem no dia a dia, porém não são percebidas", salienta.

Essas situações podem ser bullying, violência ou até uma simples dificuldade de aprendizagem, fazendo com que a criança alimentem autocrítica e um sentimento de inferioridade.

MEDO E PROTEÇÃO

Especialista no atendimento infantil e adolescente, Katiucia enaltece que crianças que já fizeram algo por influência do vídeo o fizeram por medo. "Elas obedecem por medo e porque são ameaçadas pela imagem da boneca, que diz que, caso não cumpram, ela irá matar seus pais e irmãos", aponta.

Com base em seus atendimentos, ela percebe que quando crianças obedecem algo do gênero é porque estão tentando proteger alguém que elas amam. "Nesta semana, inclusive, recebi uma mãe preocupada com a disseminação de notícias sobre a boneca Momo, principalmente pelo fato de os dois filhos afirmarem ter visto a imagem através de vídeos. Ela me procurou para saber o que fazer nesse momento", diz.

FRAGILIDADE SOCIAL

A grande fragilidade do atual momento histórico e social, conforme Katiucia, é o contato físico, o estar presente na vida das crianças e adolescentes. "Eles precisam saber que têm com quem contar e para onde voltar. Acho que esse é o grande problema social do momento e é algo que a falta de tempo faz. Parecemos estar sempre atrasados, correndo, porém são crianças, e essas crianças precisam da nossa atenção, do nosso olhar e uma palavra de carinho", conclui a psicóloga.



Psicóloga Katiucia de Oliveira Peres: "O grande problema social do momento é algo que a falta de tempo faz. Parecemos estar sempre atrasados, correndo, porém são crianças, e essas crianças precisam da nossa atenção, do nosso olhar e uma palavra de carinho"